

## TURISMO

**S**E o Brasil não fôsse um país quebrado, que ainda vive a fazer os maiores sacrifícios para importar as coisas mais primárias de consumo, como gasolina para o transporte, trigo para o pão e papel para o jornal — eu seria contra o turismo. As divisas que êle produz sempre me não de parecer um dinheiro de algum modo suspeito, eu mesmo, nas poucas vêzes em que fiz turismo em outros países, me senti de certo modo antipático e intruso, comprando beleza e prazeres com meu dinheiro. O turista é «o homem que paga», e as atenções feitas a êle trazem essa marca triste das gentilezas mercenárias.

Mas êsses fricotes românticos são indefensáveis no mundo de hoje: o turismo é uma grande indústria, imensa produtora de divisas. E é exatamente uma das indústrias que poderíamos construir no Brasil. Não fizemos nada de nada, até agora, para construí-la, e creio que nem sequer existe um órgão federal encarregado de promover o desenvolvimento dessa fonte de riqueza.

Fácil não será. Não temos as condições mínimas indispensáveis já não digo para atrair, mas para aceitar os turistas. Vou dar um exemplo tirado de minha última viagem pelo interior. Cheguei outro dia a Vitória, onde esperava passar alguns dias. Procurei o Hotel Tabajara, o melhor da terra. Melhor, embora muito ruim, com móveis escuros e sujos um desleixo imenso, um serviço péssimo e uma localização horrível: junto aos cais do pôrto. Enfim, eu queria um quarto e um banheiro. Não havia.

Parti para o segundo hotel da terra, o Sagres; havia apenas um quarto no último andar; eu deveria usar um banheiro coletivo no penúltimo. Era tudo sujo, feio, triste — mas não havia outro remédio. Apertei a campainha para chamar um empregado. Esperei meia hora, 40 minutos, 50. Afinal fui pescá-lo no outro andar e lhe apresentei minha reivindicação: toalhas. Havia-se esquecido de colocar toalhas no quarto. O homem sumiu mais meia hora — e para encurtar conversa só depois de uma segunda reclamação me trouxe uma toalha, apenas uma, de rosio. E toalha de banho? Não havia nenhuma limpa.

Fechei a mala outra vez, desci com ela, entreguei a chave na portaria dizendo que resolvera partir. Um menino me deu a conta da diária completa. Reclamei, discutimos. Ele foi chamar dona Maria, uma gorda e riquíssima senhora, dona do hotel e de um bar que tem um dos mais belos e variados estoques de uísque do Brasil. Pois dona Maria, feroz unha de lome, fêz questão de que eu pagasse o quarto que ocupara... durante o tempo em que esperava uma toalha para tomar um banho.

Paguei; fui a uma agência de viagens, arranjei uma passagem no último avião da Panair e vim dormir no Rio, onde certamente eu tinha uma toalha limpa e também, por sorte, água para tomar banho...

Esquecia-me dizer que no outro hotel, no Tabajara, foi em vão que procurei a mala cheia de livros e alguma roupa que em viagem anterior deixara lá, sob a guarda da gerência. Tudo o que me disseram foi apenas: «sumiu».

Não foi pela rima nem por esnobismo, foi apenas por amor à verdade que tive vontade de responder àquele «sumiu» com o clássico — «isto é Brasil».